

LITERATURA, MEMÓRIA, HISTÓRIA E CULTURA: a legitimação da identidade do negro e sua luta a partir da obra Tambores de São Luís de Josué Montello

Clecia Assunção Silva¹

Francineia Pimenta e Silva²

INTRODUÇÃO

A ampliação dos estudos científicos no decorrer da história da humanidade, trouxe a tona diversos conceitos, incluindo os do universo literário. Essa redefinição de conceitos abriu caminho para a produção literária em qualquer período da história literária, tendo a partir de então a retomada da identidade cultural.

Sendo a literatura uma instância crítica de reflexão sobre a história, e trabalha com as múltiplas representações discursivas presentes nas práticas sociais, reinventando de forma verossímil a realidade e, assim problematiza questões existentes nas sociedades, ela é um meio de refletir sobre a realidade, deixando de ser mera ficção para dialogar com a realidade.

Esta proposta de pesquisa entende a literatura como produção que se caracterizou pelo anseio de romper com o passado. Atualmente, depara-se com um esgotamento dessa experiência de ruptura, o que não significa, de forma alguma, o fim da narrativa nem das novidades, mas o início de novas experimentações que resultam, por sua vez, em novas formas de narrar. Enquanto na modernidade a mesclagem dos gêneros, dos estilos e das formas servia a objetivos parodísticos, hoje a literatura se constrói como um novo jogo de linguagem: reeditam-se velhas histórias, cujo deslocamento no tempo e no espaço serve à intenção de reler criticamente o passado, com o intuito de melhorar o presente.

Cabe dizer que na literatura encontramos vestígios da história e estabelece uma relação com a cultura. Mexe com o imaginário individual e também coletivo.

¹ Aluna do Mestrado de Historia, Ensino e Narrativas da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA; Professora de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Federal de Educação – Campus Alcântara. E-mail: cleciaassuno@ifma.edu.br.

² Aluna do Mestrado de História, Ensino e Narrativas da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA; Professora de História do Ensino Médio da Rede Estadual de Ensino do Maranhão. E-mail: francineiapimenta@hotmail.com.

Sendo assim observa-se que os Estudos culturais compreendem os estudos literários isso se dá por levar em conta não só o texto, mas também o seu contexto. Dessa forma, o texto é uma forma de permanência cultural e, ao mesmo tempo, produto e produtor da cultura. Expressando assim a visão de mundo, seus conflitos, que se chocam, formando assim um amplo diálogo. Por esse motivo pode-se dizer que a literatura emerge socialmente como uma das dimensões culturais capazes de proporcionar condições para desenvolver o indivíduo.

Sabemos que na literatura a construção social se dar a partir da eternização do homem através da história, onde o escritor não tem obrigação com a verdade dos fatos, mas o eterniza a partir da literatura.

Este trabalho de pesquisa acredita na possibilidade da história ser representada pela ficção, pois podemos dizer que o conhecimento de mundo pode se dar pela historiografia e também pela narrativa ficcional. Sabe-se que a história não é o acontecimento, mas o que se julga ter acontecido. Lembrado que a ficção não quer substituir o fato real, e sim possibilitar um diálogo entre o real e o ficcional.

A literatura como uma das formas de expressão cultural do povo, pode ser também considerada uma possibilidade do ser humano ter conhecimento sobre o passado, ou seja, construí através da memória a identidade do ser, seja no coletivo ou individual.

A memória, como estratégia narrativa, garante ao narrador conservar o passado na forma que é mais adequada a ele. Na realidade, o que se vê então não é livro sobre memória, nem sobre história, fica na interseção dessas realidades. Aqui a memória é como um dispositivo de construção textual é a estratégia responsável pela arquitetura geral do romance penetrando no passado a partir do presente e dessa forma dando ao leitor vários níveis do passado revisitado, como quadro-cenas.

Como a literatura interage com o meio social e cultural sendo visto pelo historiador como materiais propício a múltiplas leituras, por sua riqueza de significado para o entendimento do universo cultural, dos valores sociais e das experiências subjetivas de homens e mulheres no tempo. (PINSKY; LUCA, 2009). Isso significa que toda ficção está enraizada na sociedade, pois em determinadas condições de espaço, tempo, cultura e relações sociais, o escritor explora ou inventa possibilidades de linguagem construindo um objeto autônomo de significados.

A história de nossa sociedade moderna tem em sua origem vários referenciais como a cultura local, as relações sociais, dados estes que integrados numa mesma matriz discursiva, aquela pautada numa tradição metafísica em que a essência da verdade, do

conhecimento se encontra numa esfera transcendental ao mundo vivido do homem (FERRAZ, 2002). Na passagem dos séculos XVIII para o XIX (FERRAZ, 2002), em concordância com a produção de saberes, deu-se conta da crescente complexidade do mundo percebido, assim como o próprio caminhar das relações humanas se desdobra em padrões de organização societária mais diversa, os quais cobravam o domínio sobre a dinâmica espacial [...]. Levando em conta esses acontecimentos, no inicio do século XX, os estudos sobre questões como cultura, memória, identidade e subjetividade ganharam destaque nas produções de pesquisas internacionais em vista da ampliação do processo urbano-industrial, oriundo do século XIX que pouco ou nada fez notar sobre questões citadas como fundamentais à sociabilidade humana.

Assumir que é possível fazer Ciência a partir de outra perspectiva, não mais tão arrogante, limitante do ponto de vista da objetividade e precisão, nem dogmatizante enquanto produtora de verdades absolutas, mas uma Ciência mais humilde (PESSIS-PASTERNAK, 1993), que dialogue com os outros saberes visando trocas e mútuas aprendizagens, servindo mais para o homem interpretar seu sentido de localização e orientação no mundo, ao invés de dizer como o mundo deve ser a partir de uma idealização pautada na pura metafísica que se sobrepõe a ele.

A relação entre literatura, história e memória num contexto pós-colonial com base na seguinte pergunta: sobre quais premissas trabalha e funciona o lugar mnemônico chamado literatura? Nesse processo, a análise focaliza a ligação entre a memória, a imaginação e o espaço na (re)construção identitária. Inscrito no presente, o passado hifeniza os signos da historiografia dominante e assim é um dos meios que fornece o terreno para uma articulação da diferença cultural. O que são realmente memória, identidade e subjetividade, e em que medida tais conceitos se relacionam com o conceito de cultura? A busca de respostas para essas perguntas são os pressupostos teóricos que sedimentam a referida proposta de pesquisa.

Este trabalho de pesquisa adota como primazia solucionar as seguintes questões: qual a influencia do negro na representação do conceito de cultura na produção literária do maranhense Josué Montello? Em que medida a literatura permeia a memória e a identidade nos texto literário? Como o texto literário pode tornar-se condição de possibilidade para uma cultura memorialística? Quais os principais impasses quando a ficção dialoga com o mundo real? Como se dar a reconstrução da identitária do espaço cultural? Quais os elementos formadores da memória? Como o autor nos mostra a saga de negros escravizados no Maranhão no Século XIX? Como o negro luta pela sobrevivência e dignidade, pela sua liberdade como seres humanos e iguais?

Em nível discursivo, parece haver uma mudança que tornou a problemática cultural parte imperiosa nos estudos acadêmicos. A produção literária dentro ou fora da academia sempre se relacionou com questões culturais. Partindo de tal premissa, pode-se dizer que as obras literárias esboçam respostas, implícita ou explicitamente, às tais questões, bem como oferecem uma gama de modelos implícitos de como se formam conceitos como cultura, identidade e memória.

Em vista do exposto a literatura deixa de se constituir enquanto texto autônomo e independente e passa a estabelecer representações espaciais e ideológicas, atribuindo ao mundo literário evidências do mundo dito real.

Para alcançar o objetivo principal desse estudo que é analisar a reconstrução da identidade do espaço cultural e dos elementos formadores da memória, a saga de negros, suas histórias, suas lendas, crenças e superstições, a escravidão no Maranhão no Século XIX e a luta pela sobrevivência, sua liberdade e dignidade como seres humanos e iguais a partir da obra “Os Tambores de São Luís” de Josué Montello, estabelecendo em que medida a Literatura, Memória, História e Cultura descrita na obra de Josué Montello “Os Tambores de São Luís” se legitima com a identidade do negro e sua luta. E ainda reconhecer as relações existentes entre o texto literário e conceitos como: cultura, identidade e memória.

Esta pesquisa esta sendo pautada, num primeiro momento, em estudo bibliográfico, devido à necessidade de uma fundamentação teórica a respeito do tema. Será usado, ainda, o método fenomenológico, pois parte da compreensão do viver e não de definições e conceitos do mundo, da vida comum, possuindo uma abordagem que não está voltado somente a fatos observáveis, mas também ao mundo da vida no confronto deste com seus valores, crenças, ações conjuntas nos quais os seres humanos se reconhecem como aquele que pensa e é protagonista no mundo da vida.

A fenomenologia é o estudo das essências; e todos os problemas, segundo ela, voltam a definir as essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que recoloca a essência na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra forma, que não seja a partir de sua ‘facticidade’. É uma filosofia transcendental, que põe em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre lá, antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço de reencontrar o contato ingênuo com o mundo pode lhe dar, enfim, um status filosófico. (MERLEAU-PONTY 1945, p. 1).

A partir de tal método, a referida pesquisa adotará procedimentos que levam a uma compreensão do fenômeno por meio de relatos descritivos da vida social. Esse enfoque deve ser desenvolvido dentro de uma postura filosófica - critica, ou seja, análise intencional e valorativa do objeto de pesquisa.

Do ponto de vista do modo de abordagem do problema, a pesquisa em questão pretende ser qualitativa, uma vez que considera haver uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo que não se dissocia entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento- chave.

Tem-se como objeto de investigação compreender em que medida Literatura, Memória, Cultura e Identidade se relacionam para legitimar a identidade de um povo. Para tanto, serão reveladas, no texto literário, questões relativas à história e a memória, ou seja, à construção e desconstrução do espaço e das paisagens encontradas nas poesias do referido autor. Serão consultadas obras no âmbito da Crítica Literária e dos Estudos Culturais, sobre questões relacionadas a identidade e a Memória, entre outros. No trabalho de pesquisa, esta sendo selecionados trechos significativos da obra em análise, buscando, a partir da reflexão sobre esses textos, evidenciar como se reflete, na produção literária desse autor, fixar, sobretudo o problema do negro, suas lutas, suas tragédias. Do negro e de sua vagarosa ascensão social.

2 LITERATURA COMO FONTE HISTORICA EM “OS TAMBORES DE SÃO LUIS” DE JOSUÉ DE MONTELLO

A reconstituição da identidade cultural é feita através da memória. A memória é um recurso essencial para conservação do passado, além de explicar ou justificar os processos de transformação do presente, sendo ela individual e coletiva, para Halbwachs (2006), o indivíduo compartilha das duas memórias, e estas se aproximam no mesmo espaço histórico e cultural.

A memória é uma ferramenta de que o homem dispõe para reconstituir e reconstruir o passado e assim reafirmar suas identidades no presente. E a literatura serve como forma para a representação de traços característicos da sua cultura. Para Chauí (1999, p.125), “A memória é uma evocação do passado”. É a capacidade humana para reter e guardar o

tempo que se foi salvando-o da perda total. É a nossa primeira e mais profunda experiência do tempo.

Pode-se dizer que a memória é um recurso utilizado pelo homem para armazenar uma grande variedade de informações, como objetos, gestos, palavras, músicas, dentre outros. A memória vence o passado, pois tem a função de manter registrado este passado. E a literatura vem abrir esse diálogo com a atualidade, pois esta inserida na cultura da coletividade a partir do processo cognitivo e comunicativo diferenciado dos quais o individuo define a realidade que faz parte.

A cultural é representada na obra de arte literária de forma clara. E, a partir dessa visibilidade, a questão do imaginário é vagarosamente desvelada enquanto ato de consciência, como modo de perceber o mundo em que autor e leitor estão inseridos. Desse modo, percebe-se que o texto literário pode se transformar num elemento mediador da memória, servindo de suporte à cultura, à identidade social e étnica, à tradição, à possibilidade de materialização de formas simbólicas da vida cotidiana, bem como aos dramas e tramas históricos. Assim as entrelinhas do texto literário podem ser interpretadas como memórias reconstruídas.

De acordo com Vannucchi (2002, p. 23) “cultura é tudo aquilo que não é natureza. Por sua vez, toda ação humana na natureza e com a natureza é cultura”. O homem sozinho ou em grupo produz uma cultura em sociedade essa estrutura formada pelos grupos principais ligados entre si, considerados como unidade e participando todos de uma cultura comum.

Sabe-se que as identidades culturais são construções sociais não somente construídas, como também moldadas e remodeladas, mantidas e preservadas a partir das relações sociais estabelecidas tanto vertical quanto horizontalmente. Ou seja, as identidades culturais não são nem podem ser tomadas como algo natural, mas devem ser pensadas como um fenômeno resultante de um processo de relações entre indivíduos, grupos e sociedades. Conforme adverte Bauman (2005, p.27), “A identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação, uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resoluta a ser devorado.”, deste modo, cumpre salientar que as relações que envolvem a formação das identidades raramente são harmoniosas.

Por sua vez, o indivíduo, cuja identidade foi formada através do estabelecimento dessas relações sociais, que interage com as estruturas sociais e históricas de modo crítico, pode promover questionamentos e outros elementos através dos quais provocarão além de alterações na identidade até então construída, como também mudanças na estrutura sociocultural e da realidade. Eis o poder que há na tomada de consciência em relação à identidade de um grupo.

Bosi (2003) entende que a memória poderá ser conservação ou elaboração do passado resignificando no presente, mesmo porque, o seu lugar na nossa vida acha-se a meio caminho entre o instinto que se repete sempre, e a inteligência que é capaz de inovar.

Podemos também pensar a memória como um dos elementos imprescindíveis para a reelaboração identitária de um povo, porque ela se caracteriza por um emaranhado de subjetividades e objetividades construídas coletiva, histórica e culturalmente pelas pessoas para manter vivas suas tradições, seus conhecimentos e significados que dão sentido a sua existência. Nesse aspecto, (MENEZES, 1992, p.15) corrobora enfatizando que a memória pode ser entendida como:

(...) Um sistema organizado de lembranças cujo suporte são os grupos sociais espacial e temporalmente situados, ou seja, redes de inter-relações estruturadas e imbricadas em circuitos de comunicação. Essa memória assegura a coesão e a solidariedade do grupo e ganha relevância nos momentos de crise e pressão. Não é espontânea: Para manter-se precisa permanentemente ser reavivada. É por isso que da ordem da vivência, do mito e não busca coerência, unificação. Várias memórias coletivas podem coexistir, relacionando-se de múltiplas formas.

Corrobora deste pensamento (KI-ZERBO, 2009, p. 12) quando salienta que “sem identidade, somos um objeto da história, um instrumento utilizado pelos outros, um utensílio. E a identidade é o papel assumido, é como numa peça de teatro, em que cada um recebe um papel para desempenhar”.

A literatura como arte reflete as representações da cultura de um povo conseguindo traduzir suas peculiaridades locais e expressando na memória os traços do momento histórico e da realidade social, obviamente, é uma das formas de manifestar a cultura.

Nessa perspectiva, o estudo das relações culturais na literatura leva em conta uma discussão entre texto e contexto. Desse modo, o texto como forma de permanência cultural é, ao mesmo tempo, produtor e produto da cultura. Como tal, expressa as visões de mundo conflitantes, que se encontram e se chocam, num amplo diálogo entre umas e outras. Por isso mesmo, a literatura é uma das dimensões culturais capazes de propiciar condições para o desenvolvimento do indivíduo.

A literatura afirma Antônio Cândido, (2000, p. 25).

É um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vivem na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. [...] a obra de arte só está acabada no momento em que se repercute e atua, porque sociologicamente, a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana. Ora, todo processo de comunicação pressupõe um comunicante, no caso o artista;

um comunicado, ou seja, a obra; um comunicando, que é o público a que se dirige; graças a isso define-se o quarto elemento do seu processo, isto é, o seu efeito.

Dessa forma, a representação da identidade cultural é visível na obra de arte, é dessa visibilidade que surge a questão do imaginário – ato de consciência como modo de perceber o mundo que está ao seu redor, o ambiente de convívio. A literatura traduz peculiaridades locais, expressando os traços do momento histórico e da realidade social. Aprender, afirma Delleuze, “diz respeito essencialmente aos signos. [...] Aprender é, de início, considerar uma matéria, um objeto, um ser, como se emitissem signos a serem decifrados, interpretados.” (Deleuze, 2003, p. 4).

A percepção é sempre um processo seletivo de apreensão. Se a realidade é apenas uma, cada pessoa a vê de forma diferente. Entende-se assim, que a literatura é social na medida em que tem a realidade como objeto de representação e na medida em que é uma forma de expressão que, através do artista, externaliza pensamentos que foram construídos social e culturalmente. “Para o materialismo histórico, o elemento essencial no estudo da criação literária reside no fato de que a literatura e a filosofia são, em planos diferentes, expressões de uma visão do mundo e que as visões do mundo não são fatos individuais, mas fatos sociais” (GOLDMANN, 1979, p. 73).

A percepção que o autor maranhense, Josué Montello, escolhido para a pesquisa em questão, tem da cultura, da identidade e da memória elementos novos e antigos, não só para o estudo do texto literário, como também para o estudo social e cultural.

Na obra escolhida, a memória, a cultural e a identidade podem ser consideradas um elemento constitutivo da própria narrativa, ou seja, a partir de uma visão de mundo construída, o artista cria um universo de seres e coisas dotado de coerência e lógica interna. Esse universo pode ser fantástico, mas possui leis próprias que decidem se um ser pode ou não fazer parte dele.

É necessário lembrar que essa coerência e lógica internas dependem da forma articulada ao conteúdo, ou seja, o universo criado pelo artista tem que necessariamente passar por uma forma estética que dará consistência e coerência à obra literária, a qual só pode ser considerada como produto da imaginação se pensarmos que seu compromisso está em assemelhar-se à verdade e não em ser verdade, conforme sugeriu Aristóteles. Entende-se assim, que o autor utiliza-se da sua habilidade e imaginação para organizar o material histórico-social e levá-lo para o plano da ficção. Isso, contudo, não significa que o escritor trabalha o material social a seu bel-prazer, de modo a expressar somente sua visão de mundo.

O texto literário tem como uma das suas características conseguir dialogar com outros textos, isso significa, permitir que outras vozes adentrem o discurso ficcional para alcançar o mundo real. Nesse sentido, cultura, memória, identidade e literatura se assemelham, pois Cultura, Memória e Identidade se constitui como herança de uma sociedade, e a literatura reflete momentos já passados ou presente, uma espécie de escrita que sobrepõe outra escrita.

Neste sentido, “o texto literário é literário por permitir ao leitor transitar entre o mundo do escrito e do não escrito” (FERREIRA, 2001, p.44), e cada nova leitura, novos significados são atribuídos, pois os significados mais profundos dos textos literários são “diferentes para cada pessoa, e diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida” (BETTELHEIM, 1980, p.21). Esses textos estão carregados de signs plurissignificativos e são atualizados a cada leitura com base na historicidade de cada sujeito.

Bakhtin (2004) afirma que todo sistema ideológico (arte, ciência, religião) cristaliza-se a partir das ideologias do cotidiano, ao mesmo tempo em que exerce influência sobre a ideologia do cotidiano, dando-lhe, normalmente, o tom. É como uma rua de mão dupla. Os produtos ideológicos, como a arte, precisam ser submetidos à crítica da ideologia do cotidiano que situa socialmente a obra e estabelece vínculos com a consciência dos indivíduos receptores. A obra é, então, compreendida e interpretada dentro de um contexto. A vida da obra ideológica, como a obra de arte, acontece exatamente no contato com a ideologia cambiante do cotidiano. Ela se mantém viva na medida em que consegue estabelecer vínculo com a ideologia do cotidiano de uma determina época. É nisso que reside a vida da obra. De acordo com Bakhtin (1997, p. 119), “em cada época de sua existência histórica, a obra é levada a estabelecer contatos estreitos com a ideologia cambiante do cotidiano, a impregnar-se dela, a alimentar-se da seiva nova secretada”.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim podemos perceber que o texto literário consegue dialogar com outros textos, isso significa permitir que outras vozes adentrem ao discurso ficcional para alcançar o mundo real. Nesse sentido, cultura, memória, identidade e literatura se assemelham, pois Cultura, Memória e Identidade se constitui como herança de uma sociedade e a literatura reflete momentos já passados ou presentes, ou seja, uma espécie de escrita que sobrepõe outra escrita.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética.** 3 ed. São Paulo: Unesp; Hucitec, 1993.
- _____. **Estética da Criação Verbal.** Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** São Paulo: Hucitec, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros – Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 2005.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas.** Trad.: Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- BOURDIEU, P. A. Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI. Afrânio (orgs). **Escritos de educação.** Petrópolis, Vozes, 1998.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória:** ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade.** 8 ed. São Paulo: T. A. Queiroz; Publifolha, 2000.
- _____. “Prefácio”. In: _____. **O discurso e a cidade.** 3 ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Duas cidades; Ouro sobre azul, 2004.
- CHAUÍ, Marilena. A memória. In: **Convite a Filosofia.** São Paulo: Ática, 1994.
- CULLER, Jonathan. **Teoria Literária:** uma introdução. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.
- DELLEUZE, Gilles. **Proust e os signos.** Tradução Antônio Carlos Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- _____. **Diferença e repetição.** Tradução Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FERRAZ, Cláudio Benito O. **Geografia e paisagem:** entre o olhar e o pensar. 2002, 346 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, São Paulo.
- FERREIRA, Liliana S. **Produção de leitura na escola: por trabalho de efetiva interpretação do texto literário nas Séries Iniciais.** Ijuí: Unijuí, 2001.
- GOLDMAN, L. (1956) **Dialética e Cultura.** – 2^a Ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- HALBWACHS, Michel. **Memória coletiva.** Tradução de Beatriz Sedou. São Paulo:

Centauro, 2006.

KI-ZERBO, Joseph. **Para quando África? Entrevista com René Holenstein**; tradução Carlos Aboim de Brito. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

MERLEAU-PONTY, M. (1962). **Phenomenology of perception** (c. Smith, Trans.). London: Routledge & Kegan Paul. (Original work published, 1945.)

MENESES, Ulpiano Bezerra de. **A história, cativa da memória? Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n.34, 1992, p.9-24.

MONTELLO, Josué. **Os tambores de São Luís**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 2005.

PESSIS-PASTERNAK, Guitta. **Do caos à inteligência artificial**: entrevistas. São Paulo: Ed. UNESP, 1993.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

VANNUCCHI, A. **Cultura Brasileira**: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 2002.